

ÁREA TEMÁTICA: GESTÃO SOCIOAMBIENTAL

QUAIS FATORES INFLUENCIARAM QUATRO PECUARISTAS DE TANGARÁ DA SERRA-MT INTERROMPEREM A PECUÁRIA ORGÂNICA?

AUTORAS

TANIA MORAES DA SILVA

Universidade do Estado de Mato Grosso
taniatga@hotmail.com

CLECI GRZEBIELUCKAS

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
cleci@unemat.br

RESUMO

Nas últimas décadas o mercado de carne orgânica vem mostrando elevado crescimento se comparado ao da carne convencional, por ser um produto mais saudável e ecologicamente correto. O objetivo do estudo é analisar os fatores que influenciaram os pecuaristas de Tangará da Serra- MT interromperem a pecuária orgânica. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa e teve como instrumento de coleta entrevistas abertas. O estudo permitiu identificar que entre os diversos fatores que influenciaram os produtores a interromperem a pecuária orgânica os principais foram os altos custos de produção gerando resultados financeiros insatisfatórios, e as exigências relacionadas à certificação no tocante a rotatividade do rebanho, a manutenção das pastagens, a suplementação dos animais. Outros problemas também foram identificados tais como a comercialização e a maior flexibilidade da produção do boi convencional. Observou-se ainda que a certificação é o item que mais distingui o manejo convencional do orgânico, pois, se excluída, independentemente do tipo de manejo e alimentação, o animal seria considerado convencional para comercialização formal por não possuir aval de órgãos certificadores.

Palavras Chave: Pecuária Orgânica; Sustentabilidade, Certificação.

ABSTRACT

In recent decades the market for organic meat has been showing high growth compared to conventional meat, for being a healthier and more environmentally friendly. The aim of this study is to analyze the factors influencing the farmers of Tangará da Serra -MT discontinue organic livestock. This is an exploratory and descriptive qualitative approach and data collection instrument was open-ended interviews. The study identified that among the many factors that influence producers to discontinue organic livestock were the major high production costs, causing poor financial results, and related certification requirements regarding the rotation of the flock, the maintenance of

grassland, supplementation of the animal. Other problems also have been identified such as marketing and flexibility of the production of conventional steer. It was also noted that certification is the item that most distinguish the conventional management of the organic, therefore, is excluded, regardless of the type of handling and feeding, the animal would be considered conventional marketing does not have formal approval of certification bodies.

Keywords: Organic Farming, Sustainability Certification.

1 INTRODUÇÃO

A demanda por alimentos orgânicos cresce por agregar qualidade aos produtos e oferecer segurança alimentar aos consumidores, reduzindo as incertezas sobre contaminações por substâncias tóxicas, cancerígenas ou que possam provocar qualquer tipo de dano à saúde humana ou animal (CARRIJO; ROCHA, 2002).

O mercado mundial de produtos orgânicos cresce a uma taxa anual de 20% a 30%, enquanto o crescimento da produção agropecuária convencional não ultrapassa 1% ao ano (MORAES, 2011). O sistema de certificação desempenha um papel fundamental na formação da imagem mercadológica, com base na rastreabilidade e regras internacionais. No entanto, um grupo ainda pequeno de produtores se dedica a estas atividades, por isso a produção de produtos orgânicos não consegue ainda suprir todo o mercado consumidor (CARRIJO; ROCHA, 2002).

A carne vermelha segue entre as categorias mais populares de alimentos orgânicos com 6% de participação no total de vendas (MORAES, 2011). O sistema de produção de carne orgânica é mundialmente aceito porque tem boa origem, conferindo transparência e credibilidade ao processo de produção alimentar, do campo, ao processamento e distribuição, seja para o mercado interno e externo (CARRIJO; ROCHA, 2002). Vantagens ainda maiores podem ser observadas do ponto de vista socioambiental, pois a pecuária orgânica contribui com a preservação e conservação dos recursos naturais (DOMINGOS, 2005).

Tais oportunidades influenciaram alguns pecuaristas de Tangará da Serra MT a investirem no mercado da pecuária orgânica que em 2004 criaram a Associação Brasileira de Produtores de Animais Orgânicos (ASPRANOR), buscando ainda abranger a pecuária de leite, ovinos, suínos e aves. No ano de 2005 a associação contava com um quadro de 11 associados com propriedades certificadas (DOMINGOS, 2005), porém, nos anos seguintes quatro deles desistiram da pecuária orgânica. Neste contexto o objetivo da pesquisa é identificar os fatores que influenciaram esses quatro pecuaristas tangaraenses a interromperem a pecuária orgânica já que as pesquisas apontam um mercado aquecido e em expansão.

2 SUPORTE TEÓRICO

2.1 Agricultura e pecuária orgânica

O sistema de produção orgânica difere do convencional em razão de que não utiliza insumos sintéticos. É uma forma de produzir alimentos saudáveis e com isso garantir qualidade de vida ao homem e evitar a degradação do meio ambiente (PENTEADO, 2003).

A agricultura orgânica surgiu em 1920 através de uma estação experimental agrícola na Índia realizada pelo inglês Sir Albert Howard e seus auxiliares técnicos. Howard procurava demonstrar a relação da saúde e doenças humanas com a estrutura orgânica do solo e defendia o não uso de adubos artificiais e químicos, além disso, incentivava o uso de matérias orgânicas para melhoria da fertilidade do solo (PENTEADO, 2003).

A pecuária orgânica é baseada numa visão ampla de agroecossistemas sustentáveis, cujo enfoque engloba dois componentes fundamentais: ambiental e social. Esse sistema tem por finalidade satisfazer as necessidades humanas sem transgredir o

equilíbrio ecológico. Busca o desenvolvimento econômico e produtivo que não polua, não degrade e nem destrua o meio ambiente e ao mesmo tempo valorize o homem como principal integrante do processo (SANTOS et al., 2002; DOMINGOS, 2005).

Na pecuária orgânica o manejo deve proporcionar o bem-estar animal permitindo um comportamento próximo ao natural, evitando-se o confinamento, o estresse e possibilitando acesso à água, alimentos e sombreamento. Quanto ao fator sanitário não devem se empregados medicamentos alopáticos ou sintéticos de forma preventiva, apenas complementar. Já as campanhas nacionais de vacinação são obrigatórias. No tocante aos funcionários das fazendas estes devem ter qualidade de vida, respeitando todos os direitos trabalhistas, moradia digna e escola para os filhos. Em relação ao meio ambiente, é proibida qualquer forma não natural de fertilização ou limpeza das pastagens (MORAES, 2010).

Existem três formas de produção pecuária denominados de Boi Orgânico, Boi Verde e Boi Convencional. O boi orgânico é diferenciado do boi verde em razão de que necessita de certificação. Sua suplementação deve ser exclusiva de alimentos de origem vegetal e também deve respeitar a legislação ambiental e o Código Florestal Brasileiro. O boi verde é um animal oriundo de um sistema de criação basicamente em pasto sem agrotóxicos, que pode ser suplementado com alimentos de origem vegetal. Neste sistema é permitido o confinamento dos animais até 90 dias antes do abate (DOMINGOS, 2005). A produção do boi convencional poderia ser usada como sinônimo do boi verde já que quase tudo é permitido (MEDEIROS, 2002). O quadro 1 apresentará de forma mais detalhada as diferenças e semelhanças nos sistemas de produção pecuária.

Quadro 1. Diferenças entre boi orgânico, boi verde e boi convencional

BOI ORGÂNICO	BOI VERDE	BOI CONVENCIONAL
Permitida somente a adubação verde.	Permitida a adubação verde e fertilizantes sintéticos.	Permitido os dois tipos de adubação.
Proibido o uso de ureia	Permitida aplicação de ureia	Permitida aplicação de ureia
Suplementação exclusivamente com alimentos de origem vegetal, dos quais 80% devem ser orgânicos.	Suplementação exclusivamente com alimentos de origem vegetal, mas provenientes de culturas convencionais.	Suplementação realizada com alimentos de culturas convencionais e vegetais.
Tratamento veterinário restrito a produtos fitoterápicos e homeopáticos.	Tratamento veterinário permitido com medicamentos alopáticos.	Tratamento veterinário permitido com medicamentos alopáticos e homeopáticos.
Proibido o uso do fogo para manejar pastagens	Permitido o uso do fogo para manejar pastagens	Permitido o uso do fogo para manejar pastagens
Proibida transferência de embriões	Permitida transferência de embriões	Permitida transferência de embriões
Vacinações oficiais obrigatórias	Vacinações oficiais obrigatórias	Vacinações oficiais obrigatórias
Certificação obrigatória	Dispensa de certificação	Dispensa de certificação

Fonte: Adaptado de Domingos (2005) e Medeiros (2002)

Destaca-se (Quadro 1) que o boi orgânico obedece a critérios mais rigorosos de produção, ao passo que o boi verde apresenta poucas restrições enquanto que o convencional é manejado praticamente sem nenhuma das restrições apresentadas nos dois sistemas anteriores.

2.2 Certificação orgânica

É um processo de fiscalização que verifica se o produto está sendo produzido de acordo com as normas de produção orgânica e desempenha papel fundamental na formação da imagem mercadológica dos produtos como alimentos de qualidade e que oferecem segurança alimentar aos consumidores (MORAES, 2010).

A certificação orgânica segue diretrizes criadas pela Federação Internacional de Movimentos da Agricultura Orgânica (IFOAM, sigla em inglês) e pelo regulamento da Comunidade Europeia. Estas regras são executadas e fiscalizadas por Certificadoras de alimentos orgânicos (CARRIJO; ROCHA, 2002). Entretanto, é necessário que elas estejam de acordo com as Instruções Normativas para produtos orgânicos publicadas pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) que desde 1999 já passaram por várias atualizações.

Em 17 de Maio de 1999 foi publicada a instrução normativa nº 07, com o objetivo de estabelecer normas de produção, tipificação, processamento, envase, distribuição, identificação e certificação da qualidade para os produtos orgânicos de origem vegetal e animal (BRASIL, 1999).

Para os produtos de origem animal, esta instrução tem como requisitos os seguintes itens: respeito ao bem-estar animal; manter um nível higiênico em todo o processo criatório, compatível com as normas de saúde pública vigentes; adotar técnicas sanitárias preventivas sem o emprego de produtos proibidos; contemplar uma alimentação nutritiva, sadia e farta, incluindo-se a água, sem a presença de aditivos químicos e/ou estimulantes; dispor de instalações higiênicas, funcionais e confortáveis; praticar um manejo capaz de maximizar uma produção de alta qualidade biológica e econômica; utilizar raças, cruzamentos e o melhoramento genético compatíveis com as condições ambientais e como estímulo à biodiversidade, sem empregar Organismo Geneticamente Modificado (OGM)/transgênicos (BRASIL, 1999).

Em 23 de Dezembro de 2003 foi o marco para a produção orgânica brasileira, com a criação da Lei 10.831 que surgiu após a junção de trabalhos do governo e da sociedade civil envolvida com o mercado de orgânicos. A regulamentação prevê diferentes mecanismos para a garantia da qualidade orgânica, todos alicerçados no cumprimento de normas bem definidas, na rastreabilidade dos produtos e na garantia da informação correta aos consumidores (BRASIL, 2003). Este processo de rastreabilidade envolve acompanhamento, rastreamento e requer a rotulação da carne com um número de referência, que liga o produto disponibilizado nos pontos de venda ao lote em que o animal se originou, possibilitando que se chegue até o histórico de alimentação e saúde do mesmo (FELÍCIO, 2001).

Em 27 de Dezembro de 2007 foi publicado o decreto 6.323 com regulamentação detalhada para a comercialização e atividades dos produtos orgânicos (BRASIL, 2007). Em 05 de Novembro de 2009 foi criado o selo único oficial do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica (SISOrg) e estabelece os requisitos para a sua utilização nos produtos orgânicos (BRASIL, 2009).

Com o intuito de proteger a agricultura orgânica de fraudes surgiram as empresas certificadoras (SILVA FILHO; PALLET; BRABET, 2002). Elas devem garantir a origem dos produtos, vistoriando as unidades produtivas através da observação das anotações relativas aos insumos, a área plantada, faturamento bruto etc (KÜSTER; MARTÍ, 2004). A figura 1 mostra como é o sistema de certificação empregado para que a carne orgânica seja comercializada.

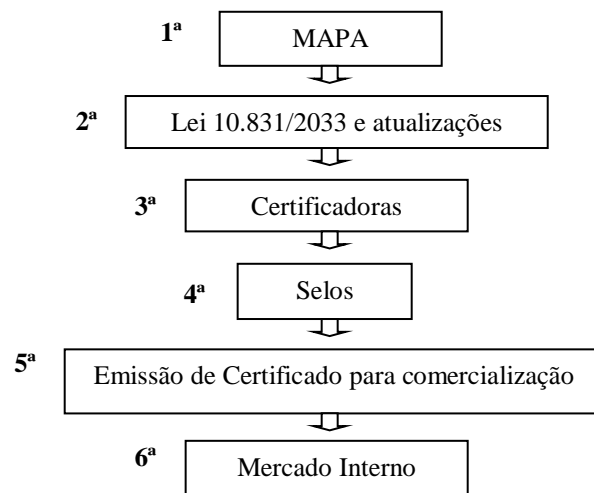


Figura 1. Etapas da certificação de orgânicos - Mercado Interno
Fonte: Adaptado de Silva Filho, Pallet e Brabet (2002)

Observa-se na figura 1 que para a carne orgânica chegar ao consumidor ela passa por diversas etapas. Na primeira e segunda etapa são encontrados os requisitos legais para a produção orgânica, na terceira estão as certificadoras responsáveis por vistoriar se as normas e leis publicadas estão sendo corretamente seguidas. Após este processo estando a propriedade inteiramente de acordo com as exigências esta chegará à quarta etapa onde receberá o selo de orgânica e então poderá vender seus produtos que deverão ser acompanhados pelos certificados de comercialização (5ª etapa). A sexta etapa compreende distribuidores e consumidores, ou seja, todo o mercado interno.

Assim como a certificação interna, a certificação para exportar produtos orgânicos também possui diversas etapas (Figura 2). Para entrar nos mercados europeu, americano e japonês a certificação deve corresponder às orientações da Federação Internacional de Movimentos da Agricultura Orgânica (IFOAM) e às normas específicas de cada região. As certificadoras se utilizam de normas que tem como base o *Codex Alimentarius* da Organização Mundial do Comércio (OMC).

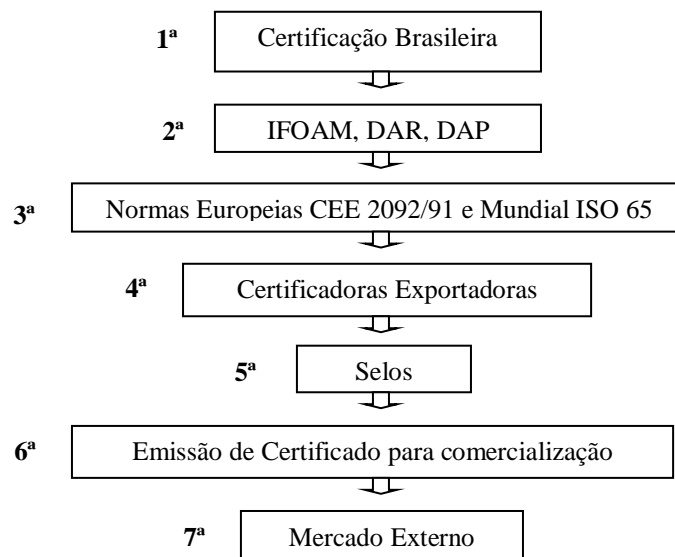


Figura 2. Etapas de certificação de orgânicos - Mercado Externo
Fonte: Adaptado de Silva Filho, Pallet e Brabet (2002)

Essencialmente as normas advindas foram a *International Organization for Standardization* (ISSO 65) e o regulamento CEE 2092/91 elaborado pelo Conselho Europeu de Ministros da Agricultura (SILVA FILHO; PALLET; BRABET, 2002).

Conforme apresentado na figura 2, primeiramente os produtos orgânicos devem estar de acordo com as normas de certificação internas e depois poderão ser submetidas às exigências dos mercados internacionais. Os países em desenvolvimento geralmente têm dificuldades em participar das definições da legislação internacional, uma vez que em geral os países desenvolvidos definem suas normas e os interessados em acessar seus mercados devem seguir as orientações. Isso tudo passa a ser uma questão de mercado, onde quem compra define as regras (KÜSTER; MARTÍ, 2004).

2.3 Obstáculos da Agropecuária Orgânica

A cadeia nacional de produção orgânica está se estruturando gradualmente e muitos são os obstáculos, como os baixos investimentos realizados nas agroindústrias e na produção que tem dificuldade de gerar escala. O número de consumidores atraídos pelo conceito de orgânicos ainda é bem maior que a oferta desses produtos. Apesar do conceito da agricultura orgânica suscitar a ideia de produção simplificada, requer cuidados específicos e bem distantes da agricultura convencional (WACHSNER, 2010).

Em 2004, foi realizada uma pesquisa com produtores orgânicos do Norte e Nordeste do Brasil, sobre as dificuldades do setor. Os principais obstáculos encontrados foram a logística e organização com 42% dos entrevistados, acesso ao crédito 25%, certificação 19% e pouca produção 14% (KÜSTER; MARTÍ, 2004).

O Instituto Biodinâmico (IBD) relata que o custo de certificação depende de alguns fatores como a área da propriedade, vendas anuais de orgânicos, análises laboratoriais necessárias e diárias gastas nas inspeções. A certificação é uma das dificuldades enfrentadas pelos produtores e até se torna inviável para alguns, devido ao alto custo de aquisição e manutenção da mesma (SILVA, 2009).

Os incentivos financeiros são escassos, como é o caso da linha de crédito do Banco do Brasil, onde os critérios do financiamento impossibilitam a adesão do mesmo. O governo não tem fornecido os estímulos necessários a estes produtores (SILVA, 2009). Outro obstáculo em relação ao mercado de orgânicos é o cultural, pois exige mudança na forma de pensar dos consumidores. Em média 40% mais caros que os convencionais, os preços orgânicos costumam afastar alguns consumidores, entretanto na produção de alimentos convencionais, que podem ser comprados por preços mais baratos, são ocultados fatores como a degradação ambiental e a qualidade alimentar (PEREIRA, 2011).

Outra dificuldade no setor de orgânicos identificada pelo Organic Services (2010) foi que mais de 50% das pessoas consideram que conhece pouco sobre orgânicos, quase 1/3 não reconhece nenhum selo de certificação e mais da metade não se lembra de nenhuma marca de produtos orgânicos. De forma geral o consumidor busca mais alimentos orgânicos, porém a maior dificuldade é o preço pois 79% dos pesquisados não aceitam pagar 30% a mais pelos produtos orgânicos.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. O instrumento de coleta utilizado foi a entrevista aberta “quando as questões não são pré-determinadas. Assemelhando-se mais a uma conversa” (OLIVEIRA, 2010, p.25).

Foram entrevistados quatro produtores que faziam parte da Associação Brasileira de Produtores de Animais Orgânicos (ASPRANOR) da cidade de Tangará da Serra- MT que abandonaram o projeto de pecuária orgânica. Os nomes desses produtores não foram divulgados sendo denominados de A, B, C e D. As entrevistas foram realizadas no mês de abril de 2012.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Histórico da ASPRANOR

A Associação Brasileira de Produtores de Animais Orgânicos (ASPRANOR) foi criada em 2004 para atuar no ramo de pecuária de corte, leite, ovinos, suínos e aves orgânicas (MORAES, 2010). A missão da associação é organizar a produção, zelar pela qualidade, seguir as diretrizes do sistema orgânico, fiscalizar o processo em todas as etapas, bem como buscar uma remuneração justa para os produtores unindo às boas práticas de preservação ambiental e melhoria dos níveis sociais dos associados e seus colaboradores (BALBINO, 2012).

A ASPRANOR possui uma logomarca denominada de Boi D’Terra que serve como garantia de procedência das carnes comercializadas pela associação. A associação firmou parceria com o Frigorífico JBS-Friboi, que compra a produção e comercializa através da linha Organic Beef (Figura 3), permitindo acesso aos mercados respaldando a produção de carne orgânica (MORAES, 2010). Nesta parceria ficou estabelecido um ágio de 7% sobre o valor da arroba do boi convencional, índice indicado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) cotado no Mato Grosso (BEEF POINT, 2004).



Figura 3. Logomarca Boi D'Terra
Fonte: Beef Point (2004)

A associação conta também com o apoio da organização não governamental Fundo Mundial para a Vida Selvagem (World Wide Fund for Nature - WWF) instituição conhecida pelo trabalho de conservação da natureza (BEEF POINT, 2004). O órgão que certifica as propriedades da ASPRANOR é o Instituto Biodinâmico (IBD) que segue as normas internacionais de certificação.

4.2 Resumos das entrevistas

A interrupção dos projetos orgânicos ocorreu entre os anos de 2008 e 2011. Nas entrevistas realizadas, os pecuaristas explanaram livremente sobre os principais fatores que os levaram a desistir da produção orgânica, sendo assim, foram mencionados esses fatores através de tópicos, apresentados no quadro 3, de acordo com a frequência com que cada fator foi citado pelos entrevistados.

Tópicos	Entrevistados			
	A	B	C	D
1. Resultados financeiros insatisfatórios	X	X	X	X
2. Problemas com a comercialização	X	X	X	
3. Dificuldade com certificação (Rotatividade)	X	X		X
4. Dificuldade com certificação (Manutenção das Pastagens)		X		X
5. Dificuldade com certificação (Suplementação)			X	X
6. Maior Flexibilidade do boi convencional		X		

Quadro 2. Fatores que influenciaram a interrupção da pecuária orgânica
Fonte: Dados da pesquisa

De acordo o quadro 2, todos os entrevistados foram unânimes no quesito 1. Ainda neste quesito, o entrevistado B, disse que as taxas encarecem a produção orgânica. O entrevistado C afirmou que de acordo com a análise interna dos custos, o projeto orgânico foi considerado inviável, pois o valor para se produzir um animal orgânico é muito superior ao convencional e o ágio pago na venda (7% sobre o valor da

arroba) não cobre os custos da produção. Segundo ele, seria necessário um percentual 35% a mais do valor da arroba do boi convencional.

No quesito 2, três pecuaristas (A, B e C) relataram que tiveram problemas com a comercialização. Segundo o entrevistado B, a necessidade de se ter uma escala de abate mensal desestimulava, pois, para cumprir um acordo contratual este deveria vender a arroba do boi independente do preço que estivesse naquele momento. Já o entrevistado C declarou que o mercado quer um produto diferenciado, mas não aceita pagar o preço por ele. Nesse sentido, Pereira (2011) e Wachsner (2010) sugerem uma maior divulgação do processo de produção da carne orgânica para que o consumidor entenda o diferencial e assim avalie se deve pagar mais por ela.

Nos quesitos 3, 4 e 5 todos os entrevistados relataram alguma dificuldade no que se refere a certificação. No quesito 3 os entrevistados A, B e D alegaram que a produtividade caía devido às regras da produção provocando um giro mais lento já que o boi orgânico leva em média 3 anos, ao passo que o convencional demora apenas 2 anos para o abate. Ainda nesse contexto, outra consideração importante e que contribui com o retardamento da rotatividade dos animais é o tempo de conversão que eles devem obedecer quando adquiridos em propriedades não orgânicas. Já que todo animal deverá passar por pelo menos dois anos (24 meses) sob manejo orgânico para atender o padrão EC 2091/92; e um ano para o padrão IFOAM (INSTITUTO BIODINÂMICO, 2009).

No quesito 4 (manutenção das pastagens) os entrevistados B e D citaram que a norma de certificação para esse item contribuía com o aumento dos custos, uma vez que não são permitidos agrotóxicos e fertilizantes. Desta forma, a limpeza dos pastos onerava a produção uma vez que demandava muita mão de obra.

No quesito 5 (suplementação do rebanho) o entrevistado C alegou que havia dificuldade na suplementação em razão de que esta deveria ser exclusivamente com alimentos de origem vegetal, dos quais 80% orgânicos, e nem sempre era possível encontra-los, tendo em vista que havia poucos fornecedores de insumos orgânicos certificados. O entrevistado D explicou que tais restrições tornavam complexo o controle do efeito sanfona no rebanho, uma vez que nas águas engordava e na seca emagrecia justificando a lenta rotatividade.

No quesito 6 (maior flexibilidade do boi convencional) o entrevistado B mencionou que se o produtor souber aproveitar as possibilidades favoráveis do mercado, o gado convencional pode atingir o mesmo valor do orgânico, considerando-se ainda que no manejo convencional há liberdade na escolha do momento de venda.

Observa-se que um dos fatores de maior relevância para que os produtores pesquisados interrompessem a pecuária orgânica foram as dificuldades relacionadas à certificação. Este resultado corrobora com Darolt (2001) que destaca como o principal entrave da pecuária orgânica à dificuldade de cumprir todas as normas exigidas pela certificação e também de comercializar a produção orgânica, visto que falta uma legislação adequada aos alimentos orgânicos de origem animal. O resultado aqui encontrado difere do estudo de Küster e Marti (2004) com os produtores orgânicos do Norte e Nordeste do Brasil onde identificaram a que a certificação ocupa o terceiro lugar entre as dificuldades da atividade conforme já apresentado no tópico do suporte teórico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu identificar que entre os diversos fatores que influenciaram os produtores a interromperem a pecuária orgânica foram as dificuldades relacionadas à certificação, tendo em vista que por diversas vezes foram mencionados problemas relacionados a ela, destacando-se a rotatividade do rebanho, a manutenção das pastagens e a suplementação dos animais. Pois, além de as normas serem numerosas, são pouco maleáveis, visto que os entrevistados estavam acostumados às técnicas mais flexíveis de produção. Observou-se ainda que a certificação é o item que mais distinguiu o manejo convencional do orgânico, pois, se excluía, independentemente do tipo de manejo e alimentação, o animal seria considerado convencional para comercialização formal por não possuir aval de órgãos certificadores.

Verificou-se ainda que várias pesquisas mostraram um cenário vantajoso para a produção orgânica, contudo, é importante ressaltar que este tipo de produção exige o cumprimento de inúmeras regras, gastos com certificações, vistorias, taxas e serviços que podem encarecer a carne orgânica. Em consequência disso, para que se alcançasse uma média satisfatória de ganho este produto deveria ser posto a venda por preços bem superiores em relação ao convencional, no entanto, esses preços, para a maioria dos entrevistados não suprem os custos da produção. E por ser ainda pouco conhecida, a carne orgânica se depara com consumidores que não estão convencidos das atribuições benéficas deste produto, ou mesmo nem distinguem quais são as suas vantagens dificultando assim a comercialização.

Embora a pecuária orgânica tenha uma excelente filosofia de produção, é necessária uma maior divulgação e políticas públicas mais comprometidas com esse mercado, permitindo aos produtores investir no ramo com melhores expectativas financeiras, criando alternativas para a resolução destas questões buscando conciliar o manejo orgânico eficiente com as condições de trabalho dos pecuaristas.

Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas no sentido de elucidar tais questões e ainda buscar identificar quais as estratégias dos pecuaristas que continuam atuando no ramo da pecuária orgânica.

REFERÊNCIAS

BALBINO, Henrique. Entrevista do site Planeta Orgânico. 2012. Disponível em: <<http://planetaorganico.com.br/site/index.php/aspranor/>>. Acesso em: 11 Abril 2012.

BEEF POINT. **ASPRANOR lança linha de produtos orgânicos no Brasil**. 2012 Disponível em: <<http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produtiva/giro-do-boi/aspranor-lanca-linha-de-produtos-organicos-no-brasil-21114/>>. Acesso em: 13 Abril 2012.

BRASIL. Decreto Nº 6.323, de 27 de Dezembro de 2007. Publicado no **Diário Oficial da União de 28/12/2007**, Seção 1, Página 2.

_____. Instrução Normativa nº 07, de 17 de Maio de 1999. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

_____. Instrução Normativa Nº 50, de 05 de Novembro de 2009. Publicado no **Diário Oficial da União de 06/11/2009**, Seção 1, Página 5.

_____. Lei Nº 10.831, de 23 de Dezembro de 2003. Publicado no **Diário Oficial da União de 24/12/2003**, Seção 1, Página 8.

CARRIJO, Maria Cristina Galvão Rosa; ROCHA, Heliton J. Carne Orgânica: “Novos rumos para a pecuária de corte”. **Conferencia Virtual Global sobre produção orgânica de bovinos de corte**, 02 setembro a 15 de outubro de 2002. Disponível em : <http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congressovirtual/pdf/.../06pt02.pdf> Acesso em: 24/10/2010.

DAROLT, Moacir Roberto. **Pecuária orgânica: procedimentos básicos para um bom manejo da criação**.2001. Disponível em : <<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=30&pg=2&n=3>>. Acesso em: 15 Abril 2012.

DOMINGOS, Ivens Teixeira. **Cenário atual da pecuária bovina de corte orgânica certificada na Bacia do Alto Paraguai (BAP) Brasil**. 2005. Disponível em:<www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/publicacoes_pantanal/?5940>. Acesso em: 14 março 2012.

FELÍCIO, P.E. de. **Rastreabilidade aplicada à carne bovina**. In.: MATTOS, W.R.S. et al. (Ed.). A produção animal na visão dos brasileiros. Piracicaba: FEALQ, 2001. p. 294-301. Disponível em: <[HTTP://www.fea.unicamp.br/deptos/dta/carnes/files/Rastreabil_2001.pdf](http://www.fea.unicamp.br/deptos/dta/carnes/files/Rastreabil_2001.pdf) > . Acesso em: 09 setembro 2010.

INSTITUTO BIODINÂMICO, Certificações. **Diretrizes para o Padrão de Qualidade Orgânico IBD**. 17º edição. 2009. São Paulo.

KÜSTER, Ângela; MARTÍ, Jaime Ferré. **Agricultura familiar, agroecologia e mercado no Norte e Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, DED 2004. Disponível em:< <http://www.kas.de/brasilien/pt/publications/6541/>>. Acesso em: 19 março 2012.

MEDEIROS, Sérgio Raposo de. **Boi orgânico, boi verde e convencional podem ir mais longe, caminhando na mesma direção**. 2002. Disponível em: <<http://www.agronline.com.br/artigos/boi-organico-boi-verde-convencional-podem-ir-mais-longo-caminhando-mesma-direcao> >. Acesso em: 25 março 2012.

MORAES, André Steffens de. **Pecuária orgânica no Pantanal: alternativa rentável e sustentável**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2010. 5p. ADM – Artigo de Divulgação na Mídia, n. 143. Disponível em: <www.cpap.embrapa.br/publicacoes/download.php?arq_pdf...> . Acesso em: 14 março 2012.

MORAES, André Steffens. **Carne orgânica: novas estratégias no mercado global após a crise econômica**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2011. 4p. ADM- Artigo de Divulgação na Mídia, n.147. Disponível em: <www.cpap.embrapa.br/publicacoes/download.php?arq_pdf...>. Acesso em: 15 março 2012.

OLIVEIRA, Almir Almeida de. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. **Revista FACEVV- Vila Velha**, n.4, Jan./Jun. 2010, p. 22-27

ORGANIC SERVICE. **Pesquisa sobre comportamento e a percepção do consumidor de alimentos orgânicos no Brasil- 2010**. Disponível em: <<http://www.organic-services.com.br/projeto.asp>> . Acesso em: 15 abril 2012.

PENTEADO, Silvio Roberto. **Introdução a agricultura orgânica**. Viçosa: Aprenda fácil, 2003.

PEREIRA, Luis Eduardo Arns. **Os desafios para o desenvolvimento da agricultura orgânica no Brasil**. 2011. Disponível em:

<<http://balaioorganico.blogspot.com.br/2011/09/os-desafios-para-o-desenvolvimento-da.html>>. Acesso em: 21 março 2012.

SANTOS, Sandra Aparecida et al. **Sistema de pecuária bovina orgânica no Pantanal**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2002. Disponível em:

<<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/812738>>. Acesso em: 15 março 2012

SILVA FILHO, O. M. da; PALLET, D.; BRABET, C. **Panorama da Qualificações e Certificações de Produtos Agropecuários no Brasil**. São Paulo: ESALQ –

USP/CIRAD PROSPER, 2002, 10p. Disponível em:<

www.cendotec.org.br/dossier/cirad/pallet.pdf> . Acesso em: 14 março 2012.

SILVA, Katia Rodrigues da. **Perspectivas da Agricultura Orgânica no Norte do Paraná**. 2009. Brasil. Disponível em: <

egal2009.easyplanners.info/.../6393_Rodrigues_da_Silva_Katia.pdf>. Acesso em: 15 março 2012.

WACHSNER, Sylvia. **Desafios para a produção orgânica**. OrganicsNet.2010.

Disponível em: <<http://www.organicsnet.com.br/2010/11/desafios-para-a-producao-organica/>> .Acesso em: 19 março 2012.